



PROBLEMATIZAÇÕES DE GÊNERO: OS IMPACTOS NA PERMANÊNCIA ESCOLAR DE MENINAS E MULHERES DIANTE DAS NECESSIDADES ECONÔMICAS DE UMA SOCIEDADE PATRIARCAL E CAPITALISTA

Eixo Temático 06 – CORPO, GÊNERO E EDUCAÇÃO

Sibelly Martins Miranda ¹

Vithoria Garcia Lima ²

Rai Vitor Gonçalves Moreira Lima ³

RESUMO

O presente trabalho se desenvolve a partir dos resultados de uma pesquisa realizada durante um trabalho de conclusão do curso de pedagogia na Universidade Federal do Rio Grande - FURG, ao qual tinha como eixo central a evasão escolar. Os resultados adquiridos através de análises narrativas dos sujeitos que evadiram da escola em algum momento, apontam que o trabalho e a necessidade de cuidar da família, a gravidez na adolescência, a condição socioeconômica e questões étnico raciais foram os principais fatores para o abandono escolar desses sujeitos. Essas condições demonstraram estar sinergisticamente interligadas com questões culturais, de raça, gênero, sexualidade e classe social. Para a discussão do eixo temático, foram selecionados os resultados que problematizam a gravidez na adolescência e juventude, bem como a maternidade compulsória e as implicações de gênero que giram em torno dessas questões e os impactos na vida escolar. Sob o campo epistemológico pós-estruturalista, foi possível discorrer sobre a maternidade compulsória e o gênero performativo a partir de Butler (2007) e a construção social do gênero na sociedade patriarcal e capitalista em Saffioti (1992) atrelado às relações de poder, governamentalidade e biopolítica ao qual Michel Foucault nos suscita. Os resultados apontam que quando se trata do gênero feminino, a permanência na escola pode ser afetada por uma série de tecnologias de poder e práticas sociais que buscam constantemente colocar a mulher no lugar de máquina reprodutiva, extremamente importante para a manutenção da vida, da sociedade, da geração de novos corpos a serem docilizados em detrimento do funcionamento da economia. Deixando muitas vezes de lado suas ambições pessoais, estudos e carreira para atender e promover as necessidades de uma sociedade patriarcal.

¹ Mestranda do Curso de Pós Graduação em Educação/PPGEdu da Universidade Federal do Rio Grande - FURG, sibellymiranda@gmail.com;

Mestranda do Curso de Pós Graduação em Educação/PPGEDU da Universidade Federal do Rio Grande -
² Mestranda no curso de Pós Graduação em Psicologia/PPGPSI da Universidade Federal do Rio Grande - FURG, vithoriagarcia@gmail.com;

³ Graduando pelo Curso de Psicologia da Universidade Federal do Rio Grande - FURG, raivitorlima@gmail.com;



Palavras-chave: Escola, Gênero, Gravidez na adolescência, Biopolítica, abandono escolar.

INTRODUÇÃO

O trabalho trata-se do recorte de uma pesquisa mais ampla, que aborda a problemática do abandono escolar em diversos campos, sociais e culturais. A partir de um olhar atento às questões de gênero que orbitam a esfera da evasão escolar, este texto se propõe a pensar como o abandono escolar está implicado em questões sociais que afetam diretamente meninas e mulheres escolares.

Sob discussões conceituais pertinentes ao campo epistemológico pós-estruturalista, buscou-se problematizar a gravidez na adolescência e como ela implica a permanência das jovens estudantes na instituição escolar. Discutindo não somente como um fenômeno biológico, mas que aborda dimensões históricas, sociais, culturais e afetivas, com significados construídos com base na experiência social e cultural, variando conforme a classe social, a idade, o sexo, dentre outros fatores (Oliveira, 2008, p. 95).

Apoiando-se nas contribuições de Michel Foucault (2014) acerca do entendimento das relações de poder que envolvem a produção de subjetividades. Para o autor, a subjetividade não é algo natural ou intrínseco ao indivíduo, mas é produzida por meio de práticas discursivas, normativas e institucionais. O sujeito é moldado por discursos científicos, religiosos, jurídicos, políticos e educacionais que definem o que é ser um sujeito e como ele deve se comportar. Ele analisa como as relações de poder não apenas reprimem ou impõem normas, mas também produzem sujeitos, criando formas específicas de identidade e modos de ser. O poder, para Foucault, não é apenas uma força opressiva, mas também produtiva, pois gera saberes, comportamentos e subjetividades. Junto a Judith Butler (2006), a autora que busca em Foucault escopo para seus trabalhos, discute a construção performativa do gênero, também como algo que é produzido no interior dos mecanismos de poder ao qual Foucault se refere, não sendo algo que surge a partir de uma pré-determinação, mas sim produzido e mantido por meio de normas sociais e discursivas. Essa performance é guiada por normas sociais que regulam como os corpos devem agir para serem úteis e aceitos dentro de um sistema de gênero.

A fim de coletar dados, buscou-se como recurso metodológico de cunho qualitativo (Connelly e Clandinin, 1995), investigar a narrativa das entrevistadas que vivenciaram o processo de exclusão e abandono escolar, tendo como objetivo identificar nos relatos de suas experiências vividas quais e como as tecnologias de poder impactaram a vida das entrevistadas.

Sobre a escolha da narrativa se dá, pois

[...] a narrativa é uma modalidade discursiva na qual as histórias que contamos e as histórias que ouvimos, produzidas e mediadas no interior de determinadas práticas sociais, passam a construir a nossa história, a dar sentido a quem somos e a quem são os outros, constituindo assim as identidades – de gênero, sexual, racial, religiosa, profissional, de classe social, de mãe/pai, filha/o, esposa/o, entre outras (Larrosa, 1996, p. 471).

A partir disso, é possível não somente identificar nas narrativas dos sujeitos o que contribuiu para a evasão escolar de cada um, mas também observar as concepções de si sendo produzidas, já que, de acordo com Ribeiro (2013), a narrativa é uma prática social que constitui os sujeitos pois, é durante o processo de narrar e ouvir as histórias que os sujeitos se constituem, constroem o sentido de si, refletem sobre suas experiências e o contexto em que estão inseridos, pois nesse exercício de revisitar a história, os sujeitos a narram, agora, dentro do seu presente.

Cabe ressaltar que, das 6 narrativas analisadas, 5 eram mulheres, sendo 3 delas mães solas, que compartilharam a trajetória escolar e o processo de abandono escolar a partir da gravidez neste período.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

No que concerne à maternidade, considero-a emaranhada nas relações de poder, que produzem e conduzem o gênero feminino, estando implicada diretamente nos projetos de vida das jovens. Alguns estudos detectaram que “os impactos negativos que a gravidez na adolescência traz são variáveis de acordo com a classe social” (Régia Cristina Oliveira 2008; Ana Cristina Marques 2006, Ana Laura Ferrari 2018). Sendo assim, aquelas adolescentes que possuem um meio familiar com condições socioeconômicas favoráveis, têm mais chances de dar continuidade aos estudos, pois possuirão uma rede de apoio para tal.

No entanto, esta realidade se mostrou distante das entrevistadas durante a pesquisa, onde todas trazem à tona a necessidade de trabalho como consequência da

IX Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade

V Seminário Internacional Corpo, Gênero e Sexualidade

V Luso-Brasileiro Educação em Sexualidade, Gênero, Saúde e Sustentabilidade

gravidez. Por serem mães solas e com uma situação econômica favorável, elas não puderam retornar à escola até que seus filhos estivessem maiores e com sua independência financeira, pois a prioridade seria encontrar uma fonte de renda para sustentar seus filhos.

Os resultados denunciam uma sociedade patriarcal, onde a todo momento, conduz mulheres a cumprirem papéis pré-estabelecidos de um gênero performativo, constituído historicamente para servir e cuidar. Ainda que isso implique na anulação de seus desejos, planos e objetivos pessoais, a fim de dar conta das expectativas sociais do papel de ser mulher. Os mecanismos de poder são tão tácitos, que soam naturais, como se sempre estivessem ali, não deixando muitas vezes brechas para questionamentos. Entretanto, é exatamente este movimento que esse trabalho se propõe: questionar, tensionar verdades estabelecidas.

Joan Scott, uma das precursoras dos estudos de gênero, defende que o gênero é uma identidade subjetiva, construída de forma histórico-social, sendo um “elemento constitutivo de relações sociais baseadas nas diferenças percebidas entre os sexos” e como “forma primária de dar significado às relações de poder” (Scott, 1995, p. 86).

Assim, compreender ambas as proposições significa analisar como os símbolos culturais referentes às mulheres são construídos historicamente e como os conceitos normativos são estruturados e difundidos de modo a determinar a elas uma dada função social (Cargnelutti; Reis, 2017 apud Scott, 1995). Dentre tantas funções sociais atribuídas à mulher ao longo do tempo, destaca-se a reprodução, um corpo biologicamente projetado para gerar filhos, a partir de práticas sociais que buscam constantemente colocar a mulher no lugar de máquina reprodutiva, papel fundamental para a manutenção da vida, da sociedade, da geração de novos corpos a serem docilizados em detrimento do funcionamento da economia. Deixando muitas vezes de lado suas ambições pessoais, estudos e carreira para atender e promover as necessidades de uma sociedade patriarcal.

Judith Butler, em *Quadros de Guerra: Quando a Vida é Passível de Luto* (2009), influenciada por autores como Foucault e Agamben, discute como certos corpos são reconhecidos como vidas passíveis de luto e outros não. As estruturas de poder determinam quais vidas importam. A autora toca na ideia de que o corpo é regulado, manipulado e instrumentalizado pelo Estado e pelo discurso público, inclusive o corpo feminino, em contextos como guerra, maternidade compulsória e reprodução.



IX Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade

V Seminário Internacional Corpo, Gênero e Sexualidade

V Luso-Brasileiro Educação em Sexualidade, Gênero, Saberes e Resistência



Alguns estudos abordam gênero, saberes e resistência mundial escancarou essa perspectiva de corpo útil. Ferras (2024); Szklarz (2018), Leite e Heuseler (2018). Nesse contexto, mulheres que tivessem muitos filhos eram condecoradas com medalhas.

A medalha de bronze era dada para as mulheres que tivessem de quatro a seis filhos e, a de prata para as que tivessem de seis a oito filhos e, a de ouro para as que tivessem dado ao Reich mais de oito filhos. Contabiliza-se que em 1939 quando da primeira premiação condecorou três milhões de mulheres alemãs (Leite; Heuseler, 2019).

Além disso, para Butler, a concepção de gênero se constitui por meio de repetição. Nesse sentido, os indivíduos vivenciam, constroem e reiteram as funções sociais dos papéis de homens ou mulheres ao longo do tempo (Butler, 2016, p. 58-59). Sendo assim, existe uma “performance repetida”, os gêneros são definidos cotidianamente e continuamente. O corpo “mostra ou produz sua significação cultural” (Butler, 2016, p. 2016).

Dentre os relatos das entrevistadas, uma delas diz voltar aos estudos somente depois dos filhos já “criados”, assim concluindo o ensino médio e ingressando na universidade. Mas somente depois de certificar-se de que não havia mais riscos de ser uma mãe negligente e após muita renúncia de si.

Contudo, sabemos que o processo de maternar envolve muitas questões que impactam diretamente a mulher, não se trata somente de abdicação espontânea, mas também de sobrevivência. Nem todas contam com a figura paterna para dividir as responsabilidades de gerar uma criança, não possuem rede de apoio e/ou condições socioeconômicas.

Outra entrevistada relata não ter tido nenhum tipo de apoio da família, tendo passado até mesmo por situação de rua com o bebê. De acordo com Marques,

No que diz respeito às representações associadas com os aspectos sócio-econômicos da gravidez precoce, são referidos o abandono escolar precoce, o desemprego das jovens ou a falta de oportunidades para arranjar um emprego qualificado, a situação de pobreza e/ou problemas financeiros que impossibilitam as jovens de comprar produtos considerados como necessários para a criança, a dependência da segurança social, a falta de conhecimentos sobre o desenvolvimento infantil, estilos educativos menos centrados nas crianças do que o das mulheres mais velhas, e o receio de um abandono dos filhos (Marques, 2006, p. 11).

Acerca da necessidade de trabalhar para sustentar os filhos, uma participante diz que precisou largar os estudos para poder trabalhar e sair da situação em que estava (morando de favor), já outra relata que embora tenha a presença do marido e pai dos filhos, não tinha nenhum tipo de apoio, precisando levar os filhos para a escola à noite,



IX Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade

V Seminário Internacional Corpo, Gênero e Sexualidade

V Luso-Brasileiro Educação em Sexualidade, Gênero, Saúde e Sustentabilidade



de ônibus. Tais condições a levaram a deixar os estudos pela segunda vez. Embora gostasse muito de ler e estudar, conforme relato, retornou aos estudos e ingressou na universidade aos 51 anos. Logo, é possível perceber que “a cultura patriarcal impõe uma divisão sexual do trabalho, sendo, as mulheres, majoritariamente, quem realiza os afazeres domésticos. A falta de independência econômica deixa a mulher vulnerável” (Gomes, Castro, 2023, p. 14).

Diante disso, Butler dirá que “o gênero é culturalmente construído: consequentemente, não é nem o resultado casual do sexo nem tampouco aparentemente fixo quanto o sexo” (2015, p. 26). Judith Butler, influenciada por Michel Foucault, desenvolve uma abordagem sobre o processo de subjetivação que enfatiza a relação entre poder, linguagem e identidade, especialmente no que se refere ao gênero e à sexualidade. Para Butler, a subjetivação ocorre dentro das normas discursivas que regulam os corpos e as identidades, partindo do pressuposto de que o gênero é uma forma de regulação social (Butler, 2006, p. 57-73). Sendo assim, a construção do gênero a partir dessa perspectiva não se trata de algo que antecede a ele, mas sim, de uma rede de normas sociais e discursivas. Essas normas determinam quem pode ser reconhecido como sujeito e sob quais condições. Ou seja, a subjetivação ocorre na medida em que um indivíduo se torna sujeito dentro de um quadro normativo que já o precede.

Nesse sentido, ao longo da história, as mulheres foram, de forma intrínseca, subjetivadas e levadas a cumprir um determinado papel social, colocadas no lugar de cuidado, seja da prole, do lar, da família. As mulheres têm sustentado essa sociedade patriarcal, no que podemos chamar de economia do cuidado. Para a economia girar no capitalismo, todos os dias pessoas saem de casa alimentadas, com suas roupas lavadas e passadas, alguém precisa levar as crianças para a escola, organizar a rotina da família e o lar. Christine Delphy (1984) entende estas práticas em termos de expropriação gratuita do trabalho das mulheres, uma “[...] organização social de gênero autônoma, convivendo, de maneira subordinada” (Saffioti, 1992, p. 194). Enquanto mulheres ficam sobrecarregadas com a dupla jornada de trabalho, sendo ela muitas vezes (se não sempre) invisível. Nesse contexto da sobrecarga, os estudos acabam ficando para trás, já que a prioridade passa a ser os filhos, a casa, o lar, a organização e gestão da rotina que favorece o homem, uma vez que este na grande maioria das vezes não precisa se preocupar com o trabalho do cuidado, afinal, lavar, cozinhar, cuidar dos filhos, não é uma tarefa fácil,

IX Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade

V Seminário Internacional Corpo, Gênero e Sexualidade

V Luso-Brasileiro Educação em Sexualidade, Gênero, Saúde e Bem-Estar

requer tempo, esforço e dedicação para o trabalho sem essa preocupação certamente não faz parte da realidade da grande maioria das mulheres.

No estudo de Marques (2006), as jovens que engravidaram na adolescência mencionam a participação (senão o encargo de toda a responsabilidade) na educação e cuidado dos irmãos (Marques, 2006, p. 270), fato que se repete também na pesquisa abordada neste estudo, demonstrando que há uma herança cultural. O trabalho do cuidado se torna elemento fundamental no impacto do desempenho de meninas e mulheres desde muito cedo. Durante a análise das narrativas, foi possível perceber que muitas meninas, ainda na sua primeira infância, acabavam sendo responsáveis por cuidar dos irmãos mais novos, além de ajudar na manutenção dos cuidados da casa. Todas compartilham que este fato as prejudicava quando se trata da dedicação aos estudos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As discussões abordadas neste trabalho dificilmente terão seu papel invertido, não costumamos ver homens abdicando de si para criar seus filhos, ao contrário, alguns até mesmo se sentem no direito de escolher exercer a paternidade, a presença na vida de seus filhos e a responsabilidade que vem ao criar uma vida. Somente em 2024 mais de 90 mil crianças foram registradas sem o nome do pai, de acordo com o Instituto Brasileiro de Direito de Família (IBDFAM). A última pesquisa geral foi realizada em 2019, contando mais de 5,5 milhões de crianças brasileiras sem o registro de paternidade.

Reflexo de uma sociedade historicamente construída de forma patriarcal, favorecendo homens, com mais direitos, mais privilégios, mais poder e autoridade em relação às mulheres. Assim, ocupando cargos de poder, com tempo para investir em sua carreira e estudos, já que o trabalho do cuidado do lar e dos filhos fica a cargo da mulher.

Mas, diante de tudo isso, ainda que a passos curtos, é sempre possível movimentar-se. Buscando sobretudo identificar as redes que nos predem, para que assim, seja possível encontrar formas de subvertê-las.

REFERÊNCIAS

BUTLER, J. **El género en disputa: el feminismo y la subversión de la identidad**. Traducción: María Antonia Muñoz. Barcelona: Editorial Paidós, 2007.

BUTLER, Judith. *Défaire le Genre* Paris, Éditions Amsterdam, 2006.



IX Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade

V Seminário Internacional Corpo, Gênero e Sexualidade

V Luso-Brasileiro Educação em Sexualidade, Gênero, Sujeitos e Experiência e investigação

CONNELLY, F. M., GUANDINI, L. D. **Sujeitos e experiências e investigação narrativa.** In: LARROSA, J. et al. *Déjame que te cuente: ensayos sobre narrativa y educación.* Barcelona: Laertes, 1995. p.11-59.

BUTLER, Judith. **Problemas de Gênero: feminismo e subversão da identidade.** Trad. de Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016.

BUTLER, Judith. **Quadros de guerra: Quando a vida é passível de luto?** 2009/ Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015.

Feres, C. de L. P. (2024). **Ser mulher na Segunda Guerra Mundial: Um olhar sobre o universo feminino na década de 40: no lar, na rua e no esforço de guerra.** *Cordis: Revista Eletrônica De História Social Da Cidade*, (33), e67534. <https://doi.org/10.23925/2176-4174.v3.2024e67534>

FERRARI, Ana Laura Rodrigues Ferreira. **Maternidade na adolescência: performatividade e sujeitos desviantes.** *Revista de Administração de Empresas (Rae)*, São Paulo, 2018. 43 p. Disponível em: <https://pesquisa-eaesf.fgv.br/publicacoes/pibic/maternidade-na-adolescencia-performatividade-e-sujeitos-desviantes>. Acesso em: 19 abr. 2025.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder.** Organização e tradução de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2014.

GOMES, Naira Mariana Ferraz, CASTRO, Amanda Motta. **A VIOLÊNCIA DE GÊNERO E A LEI MARIA DA PENHA A PARTIR DE UMA PERSPECTIVA DECOLONIAL.** *Revista Feminismos*, v. 11, n. 1, jan-jun. 2023. Semestral.

INSTITUTO BRASILEIRO DE DIREITO DE FAMÍLIA - IBDFAM (Brasil). **Paternidade responsável: mais de 5,5 milhões de crianças brasileiras não têm o nome do pai na certidão de nascimento.** mais de 5,5 milhões de crianças brasileiras não têm o nome do pai na certidão de nascimento. 2024. Disponível em: <https://ibdfam.org.br/noticias/7024/Paternidade+respons%C3%A1vel:+mais+de+5,5+milh%C3%B5es+de+crian%C3%A7as+brasileiras+n%C3%A3o+t%C3%AAm+o+nome+do+pai+na+certid%C3%A3o+de+nascimento>. Acesso em: 10 mar. 2025.

LARROSA, Jorge. **Narrativa, identidad y desidentificación.** In: LARROSA, Jorge. *La experiencia de la lectura.* Barcelona: Laertes, 1996. p.461-482.

LEITE, Gisele e HEUSELER, Denise. **A PRESENÇA DA MULHER NA SEGUNDA GUERRA MUNDIAL.** 21 mar. 2019. Disponível em: <https://www.jornaljurid.com.br/colunas/gisele-leite/a-presenca-da-mulher-na-segunda-guerra-mundial>. Acesso em: 30 mar. 2025.

MARQUES, A. C. **Do Primeiro Beijo à primeira gravidez.** MA Thesis, 1 jan. 2006.

RIBEIRO, Paula Regina Costa. **Sujeitos, histórias, experiências, trajetórias... a narrativa como metodologia na pesquisa educacional.** In.: HENNING, Paula Corrêa e SILVA, Gisele Ruiz (org). *Pesquisas em Educação: experimentando outros modos*

SCOTT, Joan. **Gênero: uma categoria útil de análise histórica.** Educação e Realidade. v.2, n.20, jul/dez, p.71-99, 1995.

OLIVEIRA, Régia Cristina. **Adolescência, gravidez e maternidade:** a percepção de si e a relação com o trabalho. Saúde e Sociedade, v. 17, n. 4, p. 93–102, out. 2008.

REIS, Marcus; CARGNELUTTI, Camila. A dominação masculina em questão: emancipação das mulheres e pensamento feminista. **Revista Ártemis**, [S.L.], v. 29, n. 1, p. 260-278, 17 jul. 2020. Portal de Periodicos UFPB.
<http://dx.doi.org/10.22478/ufpb.1807-8214.2020v29n1.46359>.

SAFFIOTI, Heleieth I. B. Rearticulando gênero e classe social. In: COSTA, Albertina de Oliveira; BRUSCHINI, Cristina. Uma questão de gênero. Rio de Janeiro: Rosa dos tempos, 1992.

SZKLARZ, Eduardo. **NAZISTAS DAVAM MEDALHAS ÀS MULHERES QUE TIVESSEM MUITOS FILHOS LEIA MAIS EM:**
[HTTPS://SUPER.ABRIL.COM.BR/HISTORIA/NAZISTAS-DAVAM-MEDALHAS-AS-MULHERES-QUE-TIVESSEM-MUITOS-FILHOS](https://super.abril.com.br/historia/nazistas-davam-medalhas-as-mulheres-que-tivessem-muitos-filhos). 12 jan. 2018. Disponível em:
<https://super.abril.com.br/historia/nazistas-davam-medalhas-as-mulheres-que-tivessem-muitos-filhos>. Acesso em: 30 mar. 2025.